



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA

## A I N V E J A

Por IDALINA CARVALHO RODRIGUES

**M**EUS meninos, afastai sempre de vós a inveja. É uma péssima qualidade, que só dissabores traz a quem se deixa dominar por ela.

Vou contar-vos o que aconteceu ao Luiz, um menino muito estudioso e obediente, mas tão invejoso que fazia esquecer estas duas boas qualidades.

Tinha um irmão, um pouco mais velho, o Manuel, com quem estava em constante guerra porque pensava sempre que as melhores coisas eram para ele. Tudo invejava.

Quando lhes davam brinquedos, o Luiz nunca ficava satisfeito com os dele. Os do Manuel eram mais bonitos, dizia. Eram precisamente aqueles que ele queria!

E era um nunca acabar de lamúrias! Por fim, davam aos dois brinquedos iguais, mas nem assim ele se contentava. Tinha sempre que dizer!

A bola do Manuel era mais colorida, a corneta tocava melhor, os soldadinhos eram mais vistosos, etc.

Era insuportável!

E assim acontecia com todas as coisas.

Na véspera do Natal, os dois irmãos punham sempre os sapatos na chaminé, a-fim-de receberem presentes do Menino Jesus.

O Luiz não conseguira dormir toda a noite, sempre a pensar no que o Menino lá deixaria.

— «E ao Manuel?... As melhores coisas, como sempre!...» (pensava ele, com raiva).

Com efeito, não se enganava. O Menino Jesus sabia das más qualidades do Luiz e se lhe deixava, a-pesar-de tudo, alguns brinquedos, era porque confiava sempre que ele se emendaria, e, justamente, premiava o Manuel que era muito bom, pois nunca sentira a menor inveja de coisa alguma. Um dia, Pedro, um seu discípulo muito pobre, ao ouvi-lo dizer que não gostava dos seus brinquedos porque os do irmão eram mais bonitos, disse-lhe muito admirado: — «Então, tu, com tanta coisa linda, ainda não estás contente? Pois olha, eu tenho só uma bola de trapos e um barco de cortiça, e estou muito satisfeito! O Menino Jesus não me pode dar



nada porque nunca puz o sapato na chaminé, em virtude de não o ter. Mas eu faço os meus brinquedos e gosto muito deles!».

Esta conversa serviu um pouco de lição ao Luiz. Acabou com as constantes lamúrias e já todos o julgavam emendado. Chegou, porém, a véspera do Natal, e, como de costume, o Luiz e o Manuel puzeram os sapatos na chaminé.

Mas, durante a noite, o Luiz acordou e pôs-se a pensar: -- «A esta hora já o Menino Jesus fez a sua visita! Talvez ele me trouxesse a *trotinette* que eu lhe pedi! Mas não, os melhores brinquedos são sempre para o Manuel!»

E o demónio da inveja apossou-se dele, novamente.

Já não conseguiu dormir. A certa altura, levantou-se e, muito devagarinho, dirigiu-se à cozinha, direito à chaminé, ficando encantado com os brinquedos que lá viu. Eram tão bonitos!

Lá estava também a *trotinette* mas... junto do sapato do Manuel! Sempre os melhores para ele!

Então, cheio de raiva e de inveja, sem reflectir que o que ia praticar era muito feio, retirou a *trotinette* e foi colocá-la junto do seu sapato. E, atrás da *trotinette*, foram outros brinquedos, uma bola, uns soldadinhos de chumbo, um pião com música, de que ele tanto gostava... tudo, enfim, passou do sapato do Manuel para o seu. Em seguida, com as mesmas precauções, foi-se deitar e adormeceu regadamente, como se acabasse de praticar uma linda obra.

De manhã, quando os dois pequenos correram à chaminé, dos lábios do Manuel saiu um grito de admiração e de alegria, e dos olhos, espantados, do Luiz, caíram lágrimas de desespero!



Junto ao sapato do Manuel, via-se um monte de brinquedos, mas o do Luiz estava completamente vazio!

«Foi castigo da minha maldade (pensava ele amargamente) e fui eu que me castiguei por minhas mãos.

É que ele, na escuridão, e cego pela inveja, confundira os sapatos!

Assim, havia tirado os seus brinquedos e puzera-os no sapato do irmão!

Não quiz aceitar brinquedo algum que o Manuel, generoso, se dispunha a repartir com ele.

Não julguem, todavia, que a sua recusa fôra motivada por orgulho, não!

Pensava que só assim ficaria bem castigado, pois que merecera bem o castigo, mas não teve, porém, a coragem de dizer porque o merecera. O que lhes garanto é que aquela lição foi eficaz, pois nunca mais invejou coisa alguma e agora reparte os seus brinquedos com o seu amiguinho Pedro.

*Meus meninos, cautela com a feia inveja! Lembrem-se do Luis?...*



## CONSELHOS MATERNAIS

**N**O jardim do Zézinho, uma roseira florira em dois botões maravilhosos, que tentavam seus dedos cubiçosos, durante o dia todo e a tarde inteira.

Dizia a Mãe: — «Zézinho: tu não colhas, os dois botões magníficos, rosados...

Ficam os troncos tristes, desolados...

Ficam chorando, eternamente, as folhas!

Gostavas que dois braços vigorosos, te roubassem, também, dessa maneira?!

Teu lar é, para ti, o que a roseira é para os dois botões maravilhosos...

Aos olhos do Zézinho, logo vem comovida ternura e estranho brilho...

— O caracter e o coração dum filho é a obra, mais subtil, de sua Mãe!

# A bondade

Por JOSINO AMADO

**N**UMA fria manhã de tempestuoso inverno,  
A extremosa mulher dum pobre educador,  
Dando ao filhinho um quente e longo beijo terno,  
Disse : — «Não se levanta ainda o meu amor!

Ai! que frio que faz! A terra enregelada,  
Enquanto tu dormiste, o seu dorso desnudo,  
Envolveu numa colcha imensa, matizada,  
A flocos glaciais, fofinhos, qua! veludo!

Durante tôda a noite a gélida invernã,  
Com suas mãos de neve, a trabalhar, silente,  
Cobriu da terra a face arrepiada e fria,  
De estrelados cristais dum branco alvinitente!

Se visses no jardim as roseiras e as malvas!...  
A cristalização, ourives singular,  
Todinhas revestiu de filigranas alvas,  
Formosas, divinais, brilhantes de encantar!

Os telhados aldeãos parecem mar de leite,  
Que a tempestade fez ericar todo em vagas,  
E pendem dos beirais em sugestivo enfeite,  
Pingentes lacrimais em congeladas bagas!



Não te levantes, filho; aí, estás quentinho,  
Melhor do que à fogueira.» — «Oh! não... — (cheio de brio,  
Sentando-se no leito, exclama o petizinho :)  
Eu tenho roupa, ó mãe, para vencer o frio!

Isso é bom para aquele humilde pòbrezito  
Que pôs ao pé de mim, na escola, o meu papá.  
Esse é que anda, infeliz!, róto e tão geladinho,  
Que, às vezes, a escrever, a tiritar está!

Oh! que pena, mamã, do pobre malfadado  
Eu tenho, neste tempo agreste e de nevão!  
Se a mãe lhe desse um fato e algum veinho calçado,  
Que contente ficava, a rir, meu coração!»

Impressionada, a mãe, cheia de justo orgulho,  
Deixa no quarto a erguer-se a esperança da sua alma,  
E sai, vindo depois trazer-lhe um grande embrulho,  
Que lhe dá, murmurando em voz bondosa e calma:

— «Vai levar isto ao teu companheiro paupérrimo!...»  
O pequeno sorri e parte satisfeito,  
Sem ter medo do frio hostil, cortante, aspérrimo,  
Tal o grande calor ardendo no seu peito!

O pai chega á janela e, vendo o rasto lindo,  
Que deixavam, na neve, os pés do seu amor,  
Apontou-o á consorte e disse-lhe sorrindo,  
Visionando um porvir todo rosais em flor:

— «Vês o seu rasto, além, de cândida bondade,  
Se por êle seguir heróica, festival,  
Da terra luzitana a nova mocidade,  
Será sempre ditoso o nosso Portugal!»

F

I

M

# MEMÓRIAS dum «BÉU-BÉU» de ESTÔPA

Por MARIA MADALENA FERNANDES

**L**A no seu cantinho, no armário azul, «Béu-Béu» cogitava em que havia de se entreter, como havia de passar o tempo, para que não lhe parecesse tão longo. A falta de melhor ideia, lembrou-se de dar uma voltinha pelo seu «palácio» que, afinal, não era lá muito pequeno, e de fazer algumas visitas que se tornavam urgentes... Desempoleirou-se de cima da caixa do «Loto» e, apoiado a uma bengalinha disfar-



cada em lapiseira, começou o seu passeio. Pata aqui, pata ali, para não pisar os soldadinhos de chumbo, foi andando... Ao passar pelo gato-maltês, olhou de revés, fazendo uma curva para não lhe tocar e, para não desmentir uma inimidade velha, rosou pouco satisfeito:

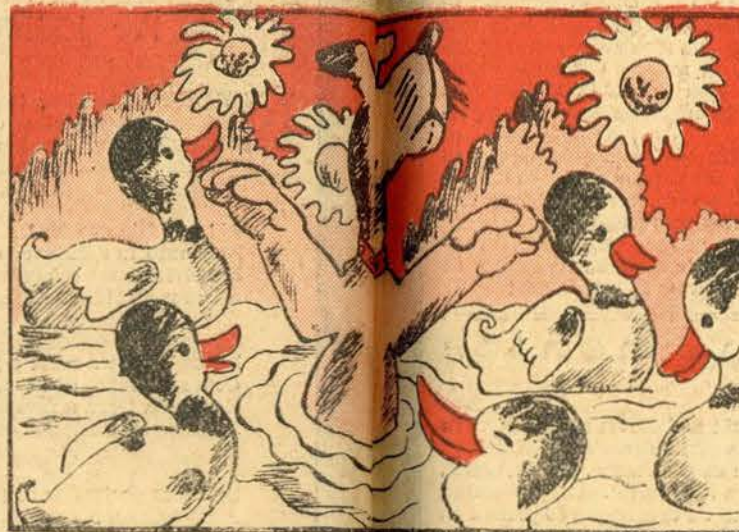
— «Cautela comigo, Maltês duma figa! Dou-te uma dentada Mesmo na barriga...»

O gato, já sem um olho de vidro, de bigodes deitados abaixo, piscou o outro olho que lhe restava, e não se mexeu. «Béu-Béu» ia, então, por alturas dum rebanho de ovelhinhas. À frente delas, o seu pastor, encostado ao cajado, desafiava todo o perigo para as suas protegidas. «Béu-Béu», ao vê-lo, todo se alegrou, abanando a cauda. Bons tempos em que no terraço, ao sol, lhes servia de guia e defensor!

— «Viva, viva! — Seu pastorino, vai rijo?» — dizia «Béu-Béu». — «Isso sim! (respondia o pastor.) De rijo só tenho este cajado, pois, se não fosse ele, já tinha caído no chão! Tenho uma perna partida, e...» Mas «Béu-Béu» já não o ouvia, já ia longe. Ao pé do burrinho com os olhos vendados, por andar à nora, teve este comentário: — «Coitado! Aquilo não tem cura. Há tanto

ano que o conheço e ainda anda a fazer curativo à noite...»

Agora tinha uma ladeira a subir. Estava na aldeia dos macacos. Empoleirados nos troncos de árvore, por cima das suas cascas, ou no balaço, pareciam não o ver. Mas os macaquinhos são muito cistas e brincalhões, e esperaram «Béu-Béu», descuidado, se aproximasse. Quando o tiveram ao seu alcance, zás!, atiraram-lhe com o que acharam por cascas de amendoim e de banana, bolinhas de papel, tremoços, e chegaram a puxar pela cauda felpuda, fazendo grande chi-



«Béu-Béu» tenha juízo Olhe que um banho é bom... Tira o «galão» do siso, E' fresquinho e dá tom...»

Os patinhos, assim cantando, rodearam «Béu-Béu» levando-o para o lago, e já desciam todos a escada, fartos de rir, continuando a cantiga:

Vamos lá «Béu-Béuzinhos»... Vais ficar bem bonito... Dá agora um pulinho, Não estejas tão aflito...

«Béu-Béu!» Agora já Dentro da água está! «Béu-Béu!» Nada para cá! Ah!... Ah!... Ah!... Ah!... Ah!...

Trépa, trépa, «Béu-Béu!» Visto seres de estôpa... Põe-te a enxugar ao léo, Veste depois a roupa...

E os patinhos, resolvendo deixar «Béu-Béu» em paz, gritaram-lhe em coro:

— «Adeus! Adeus! «Béu-Béu!»

Agora estás catita... Procura o teu chapéu Pega na bengalita.

Se passas pelos macacos — Puxa pela memória — Lembra-te que dos fracos Nunca reza a História...

E aqueles patinhos Que contigo brincarem, São todos amiguinhos Que para sempre ficaram.

Quando voltares cá Não te esqueças da gente!

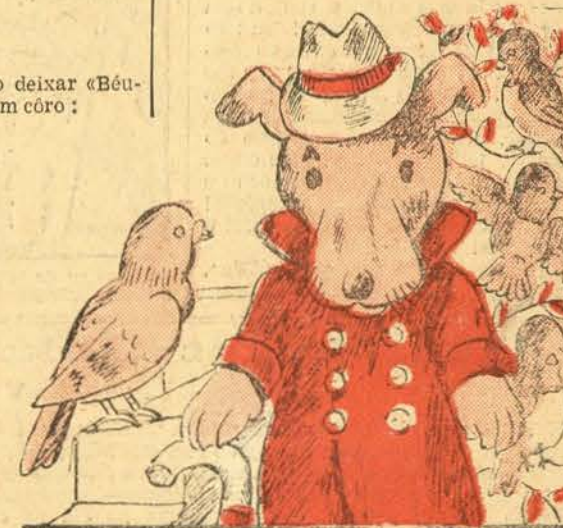
P'ra a outra vez será... Será... um banho quente!

Toça a andar Ligeirinho, Vai jantar «Béu-Béuzinho»...

Apoiado à bengala, mal feito da comção daquele banho inesperado, «Béu-Béu» desceu a ladeira.

Encontrou a vaquinha leiteira mais os bezerrinhos a saltarem contentes; passou pela capoeira, onde um peru velho, entuado, o cumprimentou: «Glu-Glu... Como estás tu?»

«Béu-Béu» fez ouvidos de mercador, não fosse acontecer-lhe mais alguma partida naquela tarde... Mais adiante estava o pombal pintado de verde, gracioso como os pombinhos que o habitavam. «Béu-Béu»



# A EXPLICAÇÃO do ALBERTO U M H E R Ó I Por MILAU

Por FELIZ VENTURA

O Albertinho, que há já muito é um cábula afamado, à sua lição de história foi antes, de ontem chamado,

Diz-lhe assim o professor: — «Se com siso responder, entre todos os alunos a melhor nota vai ter.

— (E com modo sorridente.) — Preste, pois, muita atenção à pergunta, muito simples, de fácil explicação.

Ora escute: Foi Diógenes, sábio bastante admirado; seu pensamento profundo deixava o mundo pasmado.

Mas, a-pesar-de isto tudo, palácios não habitava, pois num tonél, muito escuro, todo o seu tempo passava.

Ora diga lá, então, porque é que ele assim vivia, em vez de estar numa casa, como de facto mer'cia?

O Albertinho atrapalhado, vermelho e de olhos em brasa, responde: — «Porque não qu'ria pagar a renda da casa!»

F I M



ALBERTO era muito pobre. Seus jogos e Alberto foi, como sempre, excluído. Um pequeno, que propoz chamar-lhe um bebé, e sua mãe tratou de rem-nô para a brincadeira, foi acolhido com risos e esta resposta orgulhosa: — «Não queremos cá maltrapilhos!» Alberto ouviu e sentiu como que uma

que era mesmo um gôsto. Também ele evitava, cuidadosamente, sujar ou rasgar o fato, para poupar trabalhos a sua mãe.

Na escola, era o mais pobremente vestido, mas era também o mais aplicado. Bom, obediente e estudioso, Alberto era querido do professor que apreciava as suas boas qualidades.

O mesmo não poderia dizer dos discípulos que desde o primeiro dia troçavam da sua pobreza e dos seus fatinhos remendados. O pequeno fingia não dar por tal, embora sofresse com aquela hostilidade mal disfarçada.

Naquele dia, os rapazitos combinaram passar a hora do recreio num terreno próximo da escola. Organizaram



parou, e, enquanto descansava um pouco, foi observando o voitar dos pombos que andavam todos num bando, menos uma pombinha branca que ficara no cimo do telhado. Admirado, «Éu-Éu» perguntou-lhe: — «Que fazes aí, que não vais voar, também?» E a resposta veio pronta. — «Tenho borrachinhos no ninho, estou a guardá-los.»

Então, «Éu-Éu» não pde deixar de observar: — «Mas, então, se és pombinha sem fel, porque pensas no «fel» da maldade de quem quer que seja, que venha fazer mal aos teus filhos?»

E ela, triste, respondeu: — «Sou pombinha sem fel, é certo. Mas costuma aparecer por aí um enorme «passaro» de grandes pernas e braços compridos, que não vóia mas anda, e que já tem levado os meus ricos filhos! Eu não era capaz de fazer aos outros semelhante coisa; a experiência é que me ensinou... «Éu-Éu», que não pudera atingir, que não percebera semelhantes palavras, sentiu eriçar-se o pêlo do dorso, e, todo tremelicas, afastou-se, pensando: — «Se me aparece por aí o «passaro grande» estou bem arranjado! Os patos eram tão pequenos e foi o que se viu!...»

Vinha a noite a cair e «Éu-Éu», apressou-se; estava deseioso de chegar

ao seu poiso. Já faltava pouco. Em passando a poelga, era só alcançar o viveiro dos passarinhos. Era pena ser tão tarde, pois com êles gostava bem de conversar. Já estavam todos aconchegados, tornados íofos novelos de penas, todos muito juntinhos.

Ao verem «Éu-Éu», admiraram-se: — «Ripi... pipi! Tu por aqui?!... Piú,

piú... piú! Nunca tal se viu?!...» — Todos se agitaram chilreando.

— «Contos largos... contos largos!.. respondeu «Éu-Éu». Amanhã conversaremos...» e, abanando a bengalita, a dizer-lhes adeus, dobrou uma esquina, e ei-lo em frente do seu palácio. Findara a passeata tão apetecida e que não fóra nada amena.

Agora, restava instalar-se sobre a caixa do «Lôto». Um, dois, três... formou pulo e saltou lá para cima. Tirou o chapéu, pendurou a bengala, despiu o casacão. Estava tudo ainda húmido, desgracioso pela molha que apanhara.

Ele próprio estava a cair de fraquesa, de fadiga, Toca a dormir que bem era preciso, e ainda mais preciso era ter juízo daí para o futuro. Não confiar tanto nos outros. Defender-se das emboscadas com que a Vida nos surpreende, da maldade dos mal intencionados, da malícia dos mais esperetos. Ser bom sim toda a vida mas precaver-se contra as partidas do próximo.

Estendido em cima da caixa do «Lôto» com uma das patas a servir de travesseiro, «Éu-Éu», ficou a cismar naquelas sensatas resoluções.

Lá fóra, fizera-se noite de todo, enquanto, vagarosamente, no relógio da torre, badalaram as seis horas!

## A D I V I N H A



Vejam se descobrem onde se encontra a dona desta planta.

## Concurso dos Palácios e Monumentos

### A V I S O

Na última quinta-feira saiu, por lapso, a noticia que este nosso concurso terminaria no fim do corrente mês. Ao contrário do exposto, este terminará só no fim do mês que vem — pois são vinte e cinco as gravuras a publicar — terminando o prazo para a entrega das cadernetas no dia 20 de Março.

Em virtude das gravuras não se fazerem acompanhar de numeração, a colocação destas nas cadernetas é arbitrária, podendo não obedecer à ordem da publicação. Podem, assim, os concorrentes estabelecer, se o quizerem, qualquer ordem cronológica, obedecendo à época da construção do palácio ou monumento, geográfica, etc.

mão de ferro apertar-lhe o coração. Ele não era um maltrapilho. Os seus fatos eram pobres mas arranjados!

Quería dizer-lhes isto mas sentiu um nó na garganta e encostou-se a uma árvore, para que o não vissem chorar. Não sentia inveja, isso não. Mas que imensa tristeza lhe causava aquele desprezo merecido!

Subitamente, ouviu um grito:

— «Um lobo!...» — seguido de gritos de pavor, saltados pelos seus discípulos.

Espreitou e viu um lobo enorme, que baixara da serra e vinha correndo em direcção aos pequenos. No mesmo instante, Alberto sai detrás da árvore e, num salto, chega junto da fera que se voltou para êle. Entre a criança e o animal, travara-se luta medonha mas o corajoso rapazinho não largava o lobo, procurando estrangulá-lo.

Por fim, chegaram alguns homens que auxiliaram o pequeno.

Ao verem o animal estendido no chão, os estudantes adeantaram-se, menos medrosos mas ainda tremendo do perigo que haviam corrido. As suas almas de crianças, faziam a comparação entre a sua fuga e a atitude corajosa daquelle a quem, havia pouco, chamavam «o pobre-fão.»

Um deles aproximou-se de Alberto

e abraçou-o comovidamente. Logo os outros o rodearam, estendendo as mãos ao seu salvador, agradecendo-lhe a forma como os havia defendido e pedindo-lhe perdão pela maneira por que o tinham tratado anteriormente.

O valente rapazinho quasi se sentia envergonhado com tantas demonstrações de apreço.

Sem o pensar, vingou-se nobremente dos companheiros, pagando-lhes o mal tom o bem, e mostrando-lhes que, sob um fato, pobre e remendado, se pede ocultar a alma dum verdadeiro herói.

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

Escreve-me a Guida, muito aflita, a contar que a marota da Nucha, a irmã mais novinha, aproveitando a sua ausência e com as desajeitadas mãozinhas de 2 anos, tanto lavou, torceu e puxou o enxoval da bonequinha da Guida, que o reduziu a um farrapo.

Mas que idéa teve a Nucha!

No entanto, não quer a Abelha Mestra estar a ralhar muito com ela, porque ainda é muito pequenina e pelo facto. — (tirando a desobediência que é sempre uma cousa muito feia) — de revelar vir a ser uma menina muito açada!

Mas vamos lá remediar, um pouco, esse mal e satisfazer o teu pedido de publicação de algumas roupinhas para a tua «Lalá».

O coletinho é feito de uma só tira, com esses pespontos para o reforçar. As calcinhas têm o corte um pouco

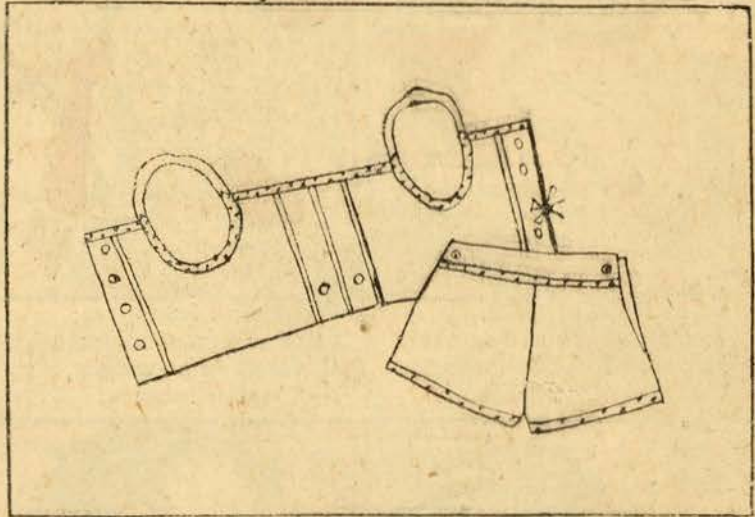
mais complicado, mas, se atentares bem no figurino, verás que também não é emprêsa difícil.

Guarneces as duas peças com uns nózinhos feitos em *filoselle* de cor.

As outras peças irei publicando a pouco e pouco.

Dá um beijo à Nucha e tu recebe outro da grande amiguinha

ABELHA MESTRA



## CONCURSO-DOS-PALACIOS E MONUMENTOS-DE-PORTUGAL



## REFERÊNCIA AUXILIAR

Foi este grandioso monumento mandado construir por D. Manuel I, no local onde se encontrava, primitivamente, uma capela da Senhora do Restêlo ou dos Navegantes. A igreja obedece ao risco do célebre architecto Eoitaca. A capela mór, que é de estilo diverso, foi só construída no tempo de D. Catarina, mulher de D. João III.

O templo, todo em abóbada lavrada, foi construído em três naves com oito colunas de mármore. É um monumento que eternamente fará lembrar, às gerações, a gloriosa viagem de Vasco da Gama, em comemoração da qual se ergueu.

Numa coluna, que divide ao meio o pórtico sul, ergue-se a figura do infante D. Henrique contemplando o Tejo que lhe passa diante e que foi teatro e início de tantas viagens e cercobertas de vulto.

No interior da igreja, repusam os restos de Vasco da Gama, Camões, Alexandre Herculano e de outros homens da Epopeia e das letras.

# A «BEMFEITA» E O «ENDIREITA»

MANUEL MARTINS  
POR RELEGO JUNIOR



A «ti» Maria Bemfeita,  
Tendo uma dôr na «espinheia»  
Mandou chamar o «Endireita»  
Para curar-lhe a mazela.



Este não se fez esp'rar;  
Cheirou, mexeu, auscultou  
E, depois de a examinar,  
Esta «coisa» recebeu:



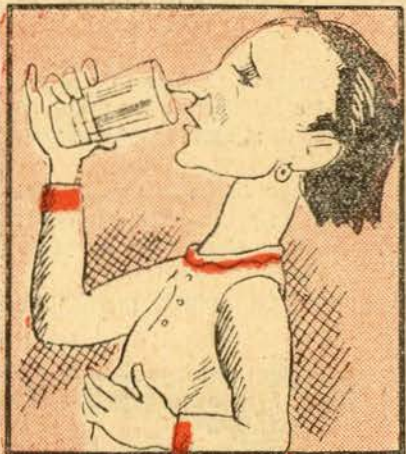
Tres carochas, apanhadas  
Em noite de sexta-feira,  
E, depois de bem torradas,  
Passadas pela peneira.



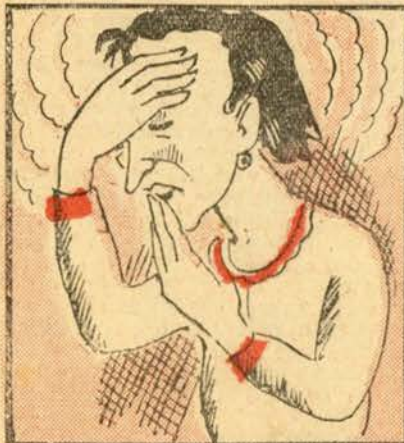
Sete pernas de galinha,  
Trinta pêlos de jumento,  
Um pouco de água e farinha...  
E eis preparado o unguento.



¡Um remeato radical  
Que salvará muita gente!  
Nunca houvera um outro igual,  
Quer fôsse em frio ou em quente!



Contada, a «ti» Bemfeita  
Logo à obra mãos deitou,  
Como mandava a receita,  
E num instante a preparou.



Mas ao empregar o unguento,  
Deu-se engano de pasmar!  
Pra ser pior seu tormento,  
Bebeu, em vez de esfregar!!!



Vomitando em atuições,  
A «ti» Maria Bemfeita  
Recobriu de maldições  
Esse maldito «Endireita».



Não mais quiz crer em patranhas,  
Nem em certos figurões,  
Que vivem com suas manhas,  
Aí custa dos parvalhões.